

Ficções: modos de ler

Apresentação

1

Os modelos hegemônicos de leitura da ficção latino-americana se fundamentam nos pressupostos do Humanismo do século XIX, isto é, nas mesmas bases do Romantismo e do Liberalismo em suas diversas manifestações. A partir dessa constatação, o presente número da *Landa*, intitulado “Ficções: modos de ler”, tem como proposta temática considerar aparatos de leitura que, não abandonando a demanda do (cada vez mais urgente) “latino-americanismo”, também não abraçassem esses pressupostos que, se bem foram no passado vias de aproximação entre culturas, hoje —em seus avatares e apropriações neoliberais— trabalham subterraneamente a favor de nosso afastamento.

Em um momento de proliferação de modos de ler que trabalham mais pela sobrevivência que em nome do “progresso” —postulando como pressuposto não a presença mas a ausência, a espectralidade ou a vida póstuma, buscando potência nos modos de vida de coletividades e sujeitos tradicionalmente excluídos como agentes relevantes das elaborações teóricas sobre a ficção—, se faz necessário visibilizar aquelas intervenções que, no campo dos estudos literários e culturais, buscam alternativas à leitura autônoma e, concomitantemente, sabem distanciar-se dessa forma do republicanismo elitista que Jacques Rancière denominou justamente “o ódio à democracia”.

Com esse propósito —e com o incentivo adicional de uma noção de história que, tão distante de qualquer metafísica do progresso como da pretensão de um universalismo iluminista, busca pensar o literário e a

cultura a partir de regimes de simultaneidade temporal– a *Landa* abriu suas páginas para receber trabalhos que debatam outros modos de compreensão da ficção, principalmente aqueles nos quais os gestos, os afetos, as corporalidades, os vestígios e as ruínas, permitam a com-sideração de nossa singularidade: talvez um caminho de sobrevivência em meio à confusão que nos cerca.

2 Essa chamada teve a sorte de um amplo retorno, com contribuições de pesquisadores de dez instituições nacionais e internacionais. Selomar Borges rastreia os encadeamentos entre o Romantismo alemão e as escrituras carcerárias de Carlos Liscano; Fabrícia Aparecida Lopes de Oliveira Rocha e Wagner Corsino Enedino nos falam sobre a importância dos dispositivos cênicos na elaboração e interpretação do texto teatral moderno. Com uma imersão teórica significativamente centrada no materialismo, Gabriel Cordeiro dos Santos Lima aborda o problema da autonomia estética em suas variadas facetas e Hermes da Fonseca se adentra na teoria dos momentos de Henri Lefebvre como uma forma de produzir o espaço/a cidade como obra. Claudiana Soerensen lê *A chave da casa*, de Tatiana Salem Levy, como novela histórica, do mesmo modo que Márcia Mucha analisa as representações da assimétrica modernidade brasileira em *A máquina de madeira*, de Miguel Sanches Neto. Em “Swing de Campo Grande” Martin de Mauro Rucovsky rastreia os solos, os cataclismos e os territórios que constituem o *saber marica* de três ficções contemporâneas. Por fim, Moysés Pinto Neto nos apresenta à Animalidade contra o Estado no marco de uma reflexão antropológica e Raquel de Azevedo “Uma leitura lévi-straussiana de *Ulisses* de James Joyce”.

Também nesta edição apresentamos o dossiê “Visões Contemporâneas. Notas sobre a literatura argentina”, especialmente preparado para *Landa* pela pesquisadora argentina Adriana Mancini. A partir de uma problematização do conceito de contemporaneidade –tão invisível em sua profunda escuridão como cegante pela sua claridade–, Mancini propõe uma reflexão sobre a literatura argentina na qual, com a vantagem da heterogeneidade das propostas, se articulam questões como o intempestivo da atualidade, o mercado editorial e seus cenários em um

âmbito cada vez mais descentralizado, a crítica em uma circunstância de diversificação de parâmetros, protocolos e pressupostos. Abrindo o dossiê, Miriam Chiani em “La manada, el conjuro, la fiesta, la deriva” elabora um elenco contemporâneo da precariedade em chave biopolítica, enquanto Susanna Regazzoni, em “Otras figuraciones de Fierro: Martín Kohan y Gabriela Cabezón Cámara”, nos mostram os desdobramentos atuais de uma certa celeuma já esboçada na obra de Martínez Estrada: a não-normatividade sexual de um mito de fundação. Gabriele Bizzarri, por sua parte, em “Cuerpos movedizos y narrativas de circulación: Samanta Schweblin y el *fantástico neoglobal*” considera a situação de uma escritora argentina, residente na Alemanha, cujas ficções projetam a fantasmagoria do capital em um de seus mais violentos avatares; e Sandra Lorenzano, em “La vida impasible. Algunas notas sobre una novela a contrapelo”, considera, provocativamente, a resistência à banalidade (hoje tão rentável) da novela *Inclúyanme afuera*, de Maria Sonia Cristoff. “Hernán Ronsino, por una literatura humana. Notas sobre un escritor necesario”, artigo de Maximiliano Linhares, aborda os intrincados descaminhos da canonização, e, por sua vez, Jimena Néspolo em “¿Arte menor? Figuraciones de ‘lo menor’ en la narrativa argentina de cambio de milenio”, nos entrega uma consideração teórica de vasto alcance, que, nas palavras da organizadora do dossiê: “com precisão cirúrgica [...] disseca formas, relações e contextos que vão armando uma das possíveis combinações da literatura do segundo milênio”. Fechando esta recompilação, em “Las fuerzas extrañas. Nuevo realismo en las crueles provincias” Maximiliano Crespi rastreia vozes que emergem das províncias argentinas, de modo tão exaustivo, que a simples menção de seus objetos ultrapassaria o espaço necessário para uma apresentação.

Nosso suplemento artístico “Vária invenção”, criado como uma janela aberta ao presente, desta vez incorpora imagens da escultura em mármore, madeira, metal e sobre livros do internacionalmente reconhecido escultor Pablo Dompé, quem além de algumas primícias plásticas nos concedeu uma entrevista. Em “Pablo Dompé: ler/escrever/furar” Gastón Cosentino introduz o suplemento com uma reflexão sobre a exposição *Sustratos Líricos. Ejercicios de Arqueología Literaria* a qual, em razão dos

160 anos da Biblioteca do Congresso da Nação Argentina, Pablo Dompé realizou em agosto de 2019 na cidade de Buenos Aires.

Nossa seção “Olhares”, composta de variados trabalhos dos autores convidados, traz neste número uma engenhosa intervenção de César Aira a partir de Salvador Dalí, uma entrevista com Carlos Liscano e três artigos de reflexão teórica e crítica. Paula La Rocca, em um dos artigos, intitulado “Papel y soporte”, investiga os procedimentos concernentes à plástica poética de Mauro Cesari, nos permitindo pensar os vínculos entre imagem e escritura na poesia visual argentina contemporânea, para assim nos situar na complexidade dos debates ao redor de duas formas de traçado taxativamente separadas por uma noção dominante na modernidade. Valdir Olivo, em “Literatura e memória em *El olvido que seremos*”, aborda a dolorosa novela na qual Héctor Abad Faciolince narra o assassinato de um pai, e o de um país, assim como a busca desesperada pela paternidade de um soneto “borgiano”. Franca Maccioni, Gabriela Milone e Silvana Santucci nos apresentam, em “Imaginar, hacer: ficciones y fricciones teórico-críticas”, o panorama teórico de uma contemporaneidade na qual, depois da catástrofe do sentido, a ficção adquire o status de uma forma de conhecimento. Em entrevista ao sempre necessário Carlos Liscano, realizada em meados de 2019, Selomar Claudio Borges nos traz notícias sobre as atividades e publicações atuais do escritor uruguaio, assim como sobre a sua compreensão das urgências da ficção e da escritura. Em “Dali”, César Aira – traduzido para este número por Joca Wolff –, acompanhado da lógica de jogo delirante a que estamos acostumados, se pergunta pelos abismos entre a genialidade e o eu, para nos mostrar a estratégia de carta roubada com a qual o artista catalão ilumina a escuridão do que sempre esteve em evidência.

4

De nossa parte, insistimos no que ilumina a escuridão que nos cerca agradecendo a todas as colaboradoras e colaboradores por seus trabalhos, por suas generosas contribuições a esta publicação. A *Landa* tem a alegria de receber esse conjunto de escrituras que fortalece o discurso do nosso entre-lugar.



Ainda, agradecemos a Julian Bzrozowski pela belíssima capa que elaborou, em tempo recorde e de maneira exclusiva, para este número.